



Versos espalhados nas quadras

O Coletivo Transverso utiliza a poesia para estabelecer um diálogo entre a arquitetura de Brasília e seus habitantes

» NAHIMA MACIEL

Pode ser no Clube do Choro, nas placas das superquadras, numa tesourinha, numa parada de ônibus e até numa caixa de luz, as frases e poemas do Coletivo Transverso pregadas em forma de lambe (cartaz em papel) pela cidade carregam uma certa familiaridade para quem circula por Brasília. São pílulas de diálogo entre o passante e a cidade, elaboradas por pessoas que, um dia, deram-se conta de como o coletivo é transformador.

Criado em 2011 por Patrícia del Rey, Patrícia Bagniewski e Cauê Maia, o Coletivo Transverso nasceu da vontade de colocar nas ruas poemas que dialogassem com a cidade e seus habitantes. De lá para cá, a formação mudou — saiu Patrícia Bagniewski e entrou Rebeca Damian —, mas a proposta continuou a mesma, e todas as frases foram criadas em conjunto. “A gente faz questão de não assinar. Nossa assinatura é a própria estética, exatamente para as pessoas verem essas poesias como se fossem da própria cidade”, explica Patrícia del Rey, uma baiana que chegou a Brasília na adolescência e ficou abismada com o modo de vida no Planalto Central. “Para mim, era revolucionário ter uma cidade sem grades, com pessoas no meio da rua se encontrando. A gente, do coletivo, tem uma relação de afeto muito grande com a cidade, e de escuta também”, diz. “E a gente recebe essa provocação da cidade, usa as paredes como páginas em branco para escrever esses poemas: a cidade é tema, tela e a própria obra.”

Para a artista, a graça do lambe é ver Brasília movimentando-se por meio das frases, dos comentários, das pessoas que param para ler. “Aí a gente testa o que é arte, o que é política, o que é sonho e o que é concreto”, garante. Uma das intenções dos lambes é romper com o ritmo burocrático e planejado, como se a poesia devolvesse a cidade àqueles que a habitam e a vivem. “Mas com olhar mais crítico, mais sensível e mais presente”, avisa Patrícia. A arte do Transverso é um convite para a pausa, a reflexão e a participação ativa na paisagem.

Nascido em São Paulo, Cauê cursava mestrado em literatura na Universidade de Brasília (UnB) quando conheceu o Transverso. Na época, o artista fazia intervenções na rua misturando a aplicação de spray sobre stencil e haikai, um formato de poemas curtos em três versos. “Começamos fazendo poemas curtos e imagens em moldes vazados e saindo para aplicar com spray em Brasília. A proposta

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Patrícia del Rey: “Nossa assinatura é a própria estética, exatamente para as pessoas verem essas poesias como se fossem da própria cidade”

Coletivo Transverso



Lambes pelas ruas de Brasília do Coletivo Transverso

Coletivo Transverso



Urbanidade se humaniza com os versos do grupo

Coletivo Transverso



A poesia ocupa e chega a qualquer espaço da cidade

Paula Caruba



Rebeca Damian e Patrícia del Rey, do Coletivo Transverso

foi tomando corpo, e percebemos um desejo mútuo de incluir mais poesia na cidade”, conta.

O artista acredita que a intervenção artística no meio urbano promove formas mais generosas e menos violentas de conviver no espaço público sem a mediação do dinheiro. “As pessoas podem até discordar, mas o convívio com o diferente e a possibilidade de transformar nossas realidades são elementos fundamentais da vida em sociedade”, diz. Para ele, a arte instaura novas esferas de diálogo, novos usos sociais dos territórios compartilhados e novos desejos capazes de transformar o mundo em um lugar mais acolhedor e justo. “É parte de um sonho utópico e talvez irrealizável, mas capaz de evidenciar aquilo que precisamos mudar”, acredita.

Educação

Além dos lambes com poesias, o Transverso também desenvolve um trabalho de arte-educação por meio de uma série de atividades. São oficinas realizadas periodicamente e abertas à comunidade para que todos criem, juntos, novas frases e poemas. Os mutirões são organizados para colar os pequenos cartazes pela cidade. “Nas oficinas, onde a gente conversa sobre a cidade, fazemos exercícios de escrita criativa e saímos andando pela cidade. Pedimos às pessoas para anotarem os sons ou o próprio observar delas, e isso vai sendo lapidado em conjunto”, conta Patrícia. “Porque a potência do coletivo é ser uma voz múltipla.”

Cauê encara a própria atuação como artista como um meio para dialogar com as pessoas que habitam a cidade. “Desde o início do nosso trabalho, a arte-educação foi uma das nossas principais atividades. Se meu desejo de expressão era uma motivação inicial, o desejo de compreender o outro e de instaurar novas superfícies de criação colaborativa no espaço público rapidamente se mostrou a parte mais potente do trabalho”, garante.

Patrícia del Rey projeta o coletivo para o futuro da cidade. O Transverso veio, ela diz, para escrever a cidade. “E para olhar essa dramaturgia urbana que está acontecendo. A gente quer que Brasília continue sendo um espaço de criação que ajude na reinvenção da cidade. É uma cidade jovem que carrega muitos silêncios, mas esses silêncios incitam perguntas”, acredita. Para ela, é importante que Brasília continue sendo escrita não pelos que mandam temporariamente, mas pelos que vivem diariamente o cotidiano dos eixos e das tesouras, pelos artistas, poetas e trabalhadores.



Minha Brasília

GRAÇA SELIGMAN

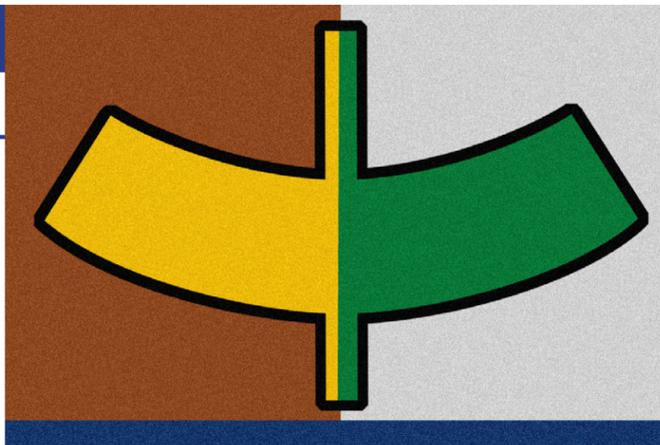
Entre sonhos e realidades

A minha Brasília tem um céu azul de tirar o fôlego, amarela ocre nos meses da seca e com o tempo tornou-se verde, muito verde. Brasília é uma cidade única, nascida do sonho de ocupar o interior do Brasil e da visão ousada do Presidente Juscelino Kubitschek. A escolha do projeto urbanístico de Lucio Costa e a genialidade de Oscar Niemeyer na arquitetura modernista deram vida a essa cidade monumental.

Artistas como Athon Bulcão, Alfredo Ceschiatti, Bule Marx, Marianne Peretti, Dulcina de Moraes, Cândido Portinari, José Pedrosa e muitos outros contribuíram para transformar esse sonho em realidade. A música também encontrou seu espaço, com nomes como Odette Ernst Dias, Dilermando Reis, Pernambuco do Pandeiro, Assis Carvalho, Jacob do Bandolim e o grande Waldir Azevedo,

que fizeram do chorinho a trilha sonora de Brasília. O Clube do Choro, liderado por Reco do Bandolim, conquistou a todos. Este projeto, em todas as suas dimensões, é um ícone mundial, um verdadeiro símbolo do sonho moderno.

O planejamento urbano faz de Brasília uma cidade funcional e organizada, com suas amplas avenidas, áreas verdes e setores bem definidos para comércio, serviços e residências. A diversidade de origens, credos, cores, religiões e paixões é a base de sua cultura. A cidade atrai pessoas de todo o Brasil e do mundo, criando um caldeirão multicultural que se reflete na culinária, nas festividades e nas artes locais. Os eventos culturais são tão variados quanto interessantes, e a presença do governo federal traz um dinamismo único à cidade.



E as pessoas? Ah, as pessoas! Convivendo com os brasilienses, você encontra um povo aberto e amigável. Brasília me presenteou com tantos amigos! Gosto de ver o lado bom da cidade, mas não posso ignorar que minha Brasília tem sérios problemas. Alguns problemas persistem porque não são enfrentados com determinação, e interesses mesquinhos atrapalham.

O transporte público é um exemplo disso, um enigma que parece sem solução, mas não é. É como se a vontade política tivesse tirado férias permanentes! O transporte público em Brasília é um desafio que persiste há décadas, afetando a vida de muitos. Ele não cobre eficientemente as áreas mais distantes, e a frequência é, digamos, imprevisível. Sem mencionar a situação precária dos ônibus, que são

desconfortáveis e colocam a segurança dos usuários em risco. E o custo? É muito salgado em relação à renda da população. Precisamos entender e acreditar na frase bastante conhecida que diz “um país desenvolvido não é aquele onde o pobre tem carro, mas, sim, onde todos, ricos e pobres, usam o transporte público”.

Outro problema grave é o nível intolerável de agressões e assassinatos de mulheres. Brasília lidera vários rankings de feminicídio, e essa parece ser uma epidemia que se alastra e está longe de ser contida. Vem de muito longe essa cultura de desrespeito e ódio às mulheres. Mas piorou. Será que é sinal dos tempos, das redes sociais, do encontro de um grupo social urbano e cosmopolita com outro rural e vindo de pequenas cidades? Não sei, mas teremos que enfrentar esse ódio e desrespeito às mulheres como um dia criamos a cultura de respeitar a vida do pedestre, ensinando a todos a beleza de parar na faixa, a beleza de respeitar o outro e fazer a vida em sociedade muito melhor.